



Duarte e a Árvore Mágica

No topo de uma colina coberta de neve, crescia uma árvore muito especial. Diziam os antigos que aquela árvore era mágica e que, na noite de **Natal**, se tornava o centro de um acontecimento maravilhoso. Os seus ramos verdes e brilhantes, enfeitados com frutos vermelhos e ornamentos dourados, pareciam sussurrar segredos ao vento.

Duarte, um rapazinho de doze anos, vivia numa casa perto da colina. Ouvia, desde pequeno, histórias sobre a árvore mágica, mas nunca tinha presenciado nada de especial. Assim, naquele ano, tomou uma decisão: ia tentar descobrir o que realmente acontecia.

Na véspera de **Natal**, enquanto todos dormiam, Duarte vestiu o seu casaco mais quente, calçou as botas e subiu a colina. Quando chegou ao topo, ficou admirado. A árvore parecia estar viva! Pequenas luzes douradas dançavam por entre os ramos, e podia ouvir um som suave, como se a neve estivesse a cantar. Duarte aproximou-se com cuidado e reparou que, pendurados nos ramos, havia pequenos papéis dourados, em forma de sino, cada um com uma mensagem escrita.

Curioso, leu a primeira mensagem: "Que não falte nada à minha família." Em seguida, uma outra: "Que eu me torne a pessoa mais rica da aldeia." E outra ainda: "Queria receber muitos presentes este ano." Duarte percebeu que os habitantes da aldeia tinham

pendurado na árvore os seus desejos. Mas havia um ramo vazio, sem nenhum sino.

Subitamente, uma voz melodiosa soou ao seu lado.

— Porque estás aqui, Duarte?

Duarte virou-se assustado e viu uma figura luminosa – o Espírito da árvore!

— Vim tentar perceber qual é o teu segredo — respondeu o rapaz.

O Espírito sorriu.

— O meu segredo é simples: transformo *alguns* desejos em momentos mágicos. Mas tu ainda não penduraste o teu. Qual é o teu desejo, Duarte?

Duarte ficou em silêncio. Não queria pedir nada para si. Observou longamente a árvore e depois a aldeia lá em baixo, onde as luzes das casas brilhavam na noite gelada. Pensou em todas as pessoas que lá viviam – a família, os amigos, com quem costumava brincar na neve, os vizinhos, que partilhavam histórias e risos, e aqueles que, às vezes, pareciam distantes ou egoístas. Todos eles faziam parte da sua vida.

— Desejo que as pessoas sejam generosas umas com as outras, e que ninguém se sinta sozinho.

O Espírito da árvore sorriu e estendeu ao rapazinho um sino dourado. Com a ajuda de um pequeno pedaço de lenha, Duarte escreveu o seu desejo no papel em forma de sino e pendurou-o no ramo vazio. Assim que o fez, a árvore começou a brilhar com muita intensidade, iluminando toda a colina.

No dia seguinte, os habitantes da aldeia acordaram diferentes. Aqueles que haviam desejado bens materiais sentiram um impulso de partilhar o que tinham. Os que buscavam presentes encontraram alegria em oferecer. E, de repente, o pequeno gesto de Duarte parecia ter tocado todos os corações.

Enquanto o espírito egoísta de alguns dos desejos anteriores se desvanecia, a generosidade do menino iluminava a aldeia. Naquela noite mágica, Duarte desceu a colina com o coração cheio, sabendo de antemão que o seu desejo havia lançado a semente de algo muito maior: o espírito de união e de bondade verdadeira.

Duarte e a Árvore Mágica

1. Quem é o Duarte e onde vive ele?
2. O que decide ele fazer na véspera de Natal?
3. O que diziam os antigos sobre a árvore na colina?
4. O que é que o Duarte encontra nos ramos da árvore?
5. Quem aparece, entretanto, junto da árvore?
6. O que lhe diz?
7. Qual é o desejo que o Duarte decide escrever e pendurar?
8. O que revela ele do seu carácter?
9. O que acontece na aldeia no dia seguinte?
10. Imagina que, como o Duarte, tens diante de ti uma árvore mágica.
 - a. Indica três desejos de Natal que gostarias de pendurar nela.
 - b. Justifica as tuas escolhas.
11. Neste conto surgem vários valores: a generosidade, a empatia, a solidariedade, o respeito pelos outros. Refere as passagens que melhor ilustram cada um deles.